

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

JULIANA DA SILVA DIAS

ANÁLISE DA OBRA DE JUDITH BUTLER: a desconstrução do gênero

**PATOS DE MINAS
2019**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

JULIANA DA SILVA DIAS

ANÁLISE DA OBRA DE JUDITH BUTLER: a desconstrução do gênero

Resenha apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Matta de Castro

**PATOS DE MINAS
2019**

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

JULIANA DA SILVA DIAS

ANÁLISE DA OBRA DE JUDITH BUTLER: a desconstrução do gênero

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 11 de novembro de 2019

Orientador: Prof. Me. Marcelo de Matta Castro
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Profa. Ma. Constance Rezende Bonvicini
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Profa. Ma. Juliana Amorim Pacheco de Oliveira
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho a todos os estudiosos que se interessarem pela temática em questão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Marcelo Matta de Castro, por ter sido meu orientador e ter me auxiliado quando precisei, foi muito gratificante.

À professora Luciana de Araújo Mendes Silva, por ser tão prestativa e atenciosa com todos os alunos.

Agradeço também ao meu pai, João Batista Luiz Dias, à minha mãe, Elizane Clementino da Silva Dias e à minha irmã, Luana da Silva Dias, sem o apoio deles eu não teria chegado até aqui. Passei por muitas dificuldades no início do curso e eles foram essenciais para que eu não desistisse.

Como consequência, o gênero não é cultivar o que é sexo para a natureza; O gênero é também o meio discursivo/cultural através do qual a natureza sexuada ou um sexo natural é formado e estabelecido como pré-discursivo, antes da cultura, uma superfície politicamente neutra na qual a cultura age.

Judth Butler

ANÁLISE DA OBRA DE JUDITH BUTLER: a desconstrução do gênero

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Por: Juliana da Silva Dias¹

Marcelo de Matta Castro²

1 CREDENCIAIS DE AUTORIA

Judith Butler, nascida em 24 de fevereiro de 1956 é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética. Atualmente ela leciona no departamento de retórica e literatura comparada da Universidade da Califórnia em Berkeley. Butler obteve seu Ph. D. na Universidade de Yale, no ano de 1984. No fim da década de 1980, com diversas áreas de ensino e pesquisa, ela se envolveu nos esforços de crítica ao estruturalismo presente na teoria feminista ocidental, questionando os "termos pressuposicionais" do feminismo moderno.

Judith Butler atribui também, genealogicamente, os preceitos de autores/as que trabalham com o giro linguístico e adota algumas posturas da fenomenologia existencialista de Sartre e Merleau Ponty. Butler mostra a falsa estabilidade da categoria mulher e propõe buscar um modo de interrogação da constituição do sujeito que não requeira uma identificação normativa com o 'sexo' binário. Tem presença marcante em debates sobre direitos humanos e identidade de gênero e ganhou vários prêmios na área, entre eles o Adorno Prize, de Frankfurt (2012), por suas contribuições para os estudos de gênero, para a filosofia política e para a filosofia moral. Suas principais obras são: *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (Março de 1990), *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia*, *Judith Butler e a Teoria Queer* (2002) e *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição* (2017).

¹ Concluinte do Curso de Graduação em Psicologia da pela Faculdade Patos de Minas (FPM). julianadidas8140@gmail.com

² Mestre em estudos psicanalíticos pela UFMG. Docente e orientador do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM. marcelo.castro@faculdadepatosdeminas.edu.br

2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

A filósofa estadunidense Judith Butler, no primeiro capítulo, argumenta que em sua história o feminismo tem afirmado que existe uma identidade definida, a categoria das mulheres. Um dos primeiros passos da teoria é a representação política, que é vista por dois lados, um deles é que a representação busca aumentar a visibilidade e reconhecimento político das mulheres, entretanto essa representação levaria a uma linguagem que demonstraria ou adulteraria o verdadeiro significado da categoria de mulheres. E para a teoria feminista é imprescindível que haja o crescimento feminino no âmbito político.

Portanto, não basta se perguntar como elas podem agir para se fazerem representar mais completamente na linguagem e na política, é necessário assimilar como o sujeito do feminismo é reprimido pelo poder que busca autonomia. Um problema político feminista, a se citar também, é que o termo mulheres salienta uma identidade comum, ao contrário de um símbolo de comando daquelas a quem pretende retratar.

Percebe-se então que a identidade do sujeito feminista não deve ser parâmetro desta política, visto que a formação desse indivíduo se dá no interior de um campo de poder meticulosamente por trás desse fundamento. A ideia de representação, talvez só passe a existir quando as mulheres não forem rotuladas precipitadamente.

A universalidade da identidade feminina também é um ponto relevante nesse contexto, os debates feministas sobre o essencialismo colocam de outro modo a questão desse tema. As alegações universalistas são concluídas de acordo com um ponto de vista da teoria do conhecimento, interpretado como consciência planejada, como uma base compartilhada de opressão ou como estruturas elaboradas propositalmente na cultura da feminilidade, maternidade, sexualidade e/ou a escrita feminina.

A discussão que se abre então é que esse gesto globalizante causou inúmeras críticas de mulheres que alegam pertencer a essa categoria, que são obrigadas a seguirem um padrão e são excluídas, cismadas de que as dimensões não explícitas do privilégio da raça, cor e classe continuassem ilesas. Ou seja, a insistência sobre o espaço dela recusou verdadeiramente a implantação das mulheres nas questões culturais, sociais e políticas.

Em outro momento se indaga questões sobre a identidade, em qual perspectiva ela é considerada normal no lugar de uma característica que seja retrato da experiência. Ao se tratar dessa temática, visto que ela leva a conceitos como sexo, gênero e sexualidade, a própria consciência da pessoa a colocaria em questionamento pela cultura que designa aqueles seres como “impróprios” ou “irregulares”, são indivíduos, mais não concordam com as normas do gênero que a cultura impõe para elas.

As questões de gênero são muito complexas, pois é um assunto adiado, difícil de ser totalmente elaborado e explicado. Seria necessário um acordo político ou uma aliança intrapartidária para alcançar um fim nesse contexto e definir identidades inauguradas e esquecidas. Uma assembleia, que de acordo com a proposta, possibilite várias ideias diferentes e iguais, sem obedecer a uma norma já estruturada ou definida.

Um gênero só pode ter indícios de uma unidade de experiência, de sexo, de gênero e de desejo, quando se descobre que o sexo de alguma forma leva a ele, sendo esse a escolha psíquica e cultural do eu, levando ao desejo. Se esse desejo for heterossexual, logo terá uma relação de refutação ao outro gênero que ele deseja.

Conclui-se então, que inevitavelmente ele é mostra constituída da identidade que aparentemente pertence. Isto é, o gênero é sempre uma conquista, mesmo que não seja obra de um sujeito que teve outro gênero ante à obra.

Na citação que Butler faz sobre a escritora Wittig, é observado um pouco sobre linguagem poder e estratégias de deslocamento, Wittig considera que nitidamente a ideia de um poder da linguagem tende a subalternar e excluir as mulheres. Entretanto, ela leva em consideração que essa condição pode ser drasticamente modificada. Para isso, a linguagem se representaria por escolhas individuais, buscando não ser enfraquecidas pelo hábito coletivo de selecionar indivíduos de acordo com o seu gênero.

A adequação feminista da diferença sexual tenta explicar o feminino, não como a sua ausência representacional, gerada pela recusa masculina que leva também a economia por meio da exclusão. Excluído e repudiado do sistema, o feminismo cria uma possibilidade de crítica e rompimento desse esquema em que foi submetido, sendo visto como inferior.

É abordada então a questão da incoerência nas práticas heterossexual, homossexual e bissexual, pois essas estruturas que veem da cultura fazem uma confusão quando o assunto é gênero, agem como uma intervenção, apelo e deslocamento dessas subdivisões. Melhor dizendo, a “unidade do gênero é a eficácia de uma prática que visa equilibrar a identidade de gênero por meio da heterossexualidade compulsória”.

Em um determinado momento a autora sentiu-se tentada pelo pensamento inicial, que geralmente era chamado de “patriarcado”, que originou a história da opressão das mulheres. O que a instigava era saber se existiram culturas pré-patriarcais, ou seja, se eram patriarcais ou matrilineares em sua base, e se o patriarcado tiver um início, que ele possa estar um fim.

O feminismo procurou determinar uma relação absoluta através das lutas contra a opressão ao seu gênero e então se tornou cada vez mais imprescindível resistir à política do patriarcado. O recurso feminista tem que imaginar como foi a luta no passado, que deve ser cuidadoso, uma vez que ao relevar as afirmações do poder masculino, deve livrar-se de causar uma transformação política embaraçosa da experiência das mulheres.

No segundo capítulo a autora fala sobre a identidade cultural masculina, que é estipulada por intermédio de um ato aberto de distinção entre a sua linhagem e que essa distinção ao mesmo tempo em que diferencia, cria laços. O que distingue os homens das mulheres foge totalmente dessa lógica, levando em consideração que ambas as linhagens contêm uma identidade igualitária: masculinas, patriarcais e tem a mesma base familiar. Também é mencionado sobre a não reciprocidade dos homens para com as mulheres e que essa condição leva a uma relação extremista.

Um pouco para frente, entra a questão do tabu do incesto e menciona as teses de Lévi-Strauss e de Freud, essas discorrem sobre o incesto, expressam figurativamente um sonho primitivo e vivo. O fato da proibição existir não quer dizer que ela seja eficaz. Ao contrário, ela parece despertar desejos e ações que nascem por conta da sexualização desse tabu. A circunstância de serem apenas fantasias, não deixa de ser um agente real dentro da sociedade.

No próximo tópico do capítulo a autora aborda questões sobre o Falo, ela afirma que “Ser” o Falo e “Ter” o Falo expressam posições sexuais diferentes ou até mesmo posições impossíveis de existir dentro da linguagem. “Ser o Falo é ser o objeto de desejo masculino, é simbolizar esse desejo”. Para as mulheres “ser” o Falo

quer dizer reproduzir o seu poder, sua ausência, sua falta, mostra a confirmação do debate de sua identidade. “Ter” o Falo é a posição do homem e “Ser” o Falo a posição paradoxal, ou seja, o oposto do que se acredita ser verdade.

As considerações de Lacan, falam de forma paradoxal sobre o “órgão”, ao que tudo indica o pênis, é um fetiche que é fácil de esquecer, e que esse esquecimento seria o recalçamento que se encontra no centro da mascarada feminina. Trata-se então, de uma masculinidade que tem que ser deixada, para que aparente ser a falta que constata, o Falo. Lacan então especifica que a “função da máscara” é estratégia que agrega a melancolia de uma recusa amorosa.

As afirmações de “Joan Riviere em The Mascarade”, que dizem que a feminilidade se transforma em uma máscara que recebe o nome de identificação masculina, visto que essa, causa na matriz heterossexual do desejo, um desejo pelo objeto feminino, de modo conseqüente o Falo. Cria-se a feminilidade como máscara, para que possa mostrar uma recusa da homossexualidade feminina, e ao passo que agrega exageradamente o Outro feminino que é recusado.

No tópico adjacente é abordada a questão da melancolia do gênero por Freud, que explica que ao passar pela perda de outro ser humano amado, o ego agrega esse outro em seu corpo, passando a possuir as suas qualidades e talentos, imitando-os perfeitamente. Ou seja, a perda de um ente amado é superada pela aquisição de uma nova estrutura de identidade, os atributos desse alguém se tornam parte do ego que serão permanentemente incorporados.

O ego e o superego não abrigam simplesmente o caráter, igualmente também abriga a conquista de uma identidade de gênero que leva o id a abrir mão dos seus objetos de desejo, sendo assim, a autora menciona então a colocação de Freud, de que a melancolia não se defronta ao luto, sendo essa a única forma do ego resistir a perda dos laços afetivos indispensáveis com o outro. Ela então concluiu que esse processo de interiorizar amores ausentes torna-se favorável para a construção do gênero.

A formação de um ideal do ego interior engloba a interiorização de identidades do gênero. De acordo com Freud, esse ideal do ego é o complexo de Édipo solucionado, fazendo, assim, com que seja revigorante, estável e firme a masculinidade e a feminilidade. Conclui-se então que a função do ideal do ego é fortalecer identidades de gênero por intermédio da reorganização e sublimação adequadas do desejo.

Voltando ao assunto da melancolia, a autora afirma que se levar em consideração a identidade do gênero como um sistema melancólico é certo que faz sentido escolher a incorporação para identificar a identidade. Sendo assim, a identidade do gênero se constituiria por intermédio da recusa de uma perda, a qual está inserida no corpo e com finalidade determina o corpo.

Levantando considerações de Irigaray, que afirma que a melancolia e a feminilidade são bem parecidas no trabalho de Freud, que fala que a negação do objeto (ter um pênis) leva a perda. Para Irigaray é reconhecer que não se tem um pênis que leva a essa perda. Sendo assim, a melancolia é uma regra psicanalítica para as mulheres, regra que exclui o desejo de ter um pênis, e isso é esquecido e deslembrado.

A psicanálise sempre soube da importância do tabu do incesto, algo muito citado pela autora, pois segundo ela, é ele quem cria o desejo sexual e as diversas identidades sexuais. De acordo com os seus estudos, a grande questão não é se relacionar com alguém que se tenha parentesco, e sim um tabu contra a homossexualidade. A cerca disso conclui-se que o gênero não é meramente uma identificação com o sexo, é também o desejo voltado para o sexo oposto, os criando sempre heterossexuais. Logo, a psicanálise vê o tabu do incesto como quebra desse pensamento. A bissexualidade é outra questão que é colocada em ponto, pois é vista como uma possibilidade cultural real que é recusada e recriada como impossível. A proposta de solução é destruição desse pensamento dentro da cultura, pois ele acaba sendo um gesto fútil e desnecessário.

No terceiro capítulo Judith, entra na questão do simbólico, a partir da obra de Julia Kristeva, que segundo ela é o princípio organizador global de sua cultura. O simbólico só existe porque repudia o relacionamento inicial com o corpo materno. O semiótico é uma estrutura pertencente a essa mesma linguagem inicial e não só repudia esse relacionamento como é um meio permanente da destruição no campo do simbólico. De acordo com Kristeva, o semiótico é a multiplicação da libido original no ramo da cultura, ou seja, no campo da linguagem poética. A linguagem poética seria a recuperação desse corpo materno, restauração essa que tem o poder de quebrar e desviar a lei paterna. Um se torna o que ajuda o outro, o simbólico a rejeição da mãe, o semiótico, por meio de ritmos, jogos sonoros e repetições que recuperam o corpo materno no discurso poético.

As citações sobre Kristeva continuam as mesmas expressas ao dar à luz, a mulher em contato com a mãe se torna sua própria mãe. Assim ela inova a faceta homossexual da maternidade, ficando mais próxima de sua memória instintiva, aberta a psicose e em decorrência disso, mais contestante do seu vínculo social simbólico.

Fica então o questionamento de como o gênero pode ser um ato, pois como em outros sociais tradicionais, ele solicita um desempenho repetido. Essa repetição nada mais é do que uma maneira humana e tradicional de sua confirmação. Na realidade esse desempenho é utilizado com a finalidade estratégica de mantê-lo em sua estrutura binária, um fim que não deve ser designado ao sujeito, no lugar disso, deve ser entendida como criador e fortalecedor do indivíduo.

Os gêneros são completamente e drasticamente sensacionais, pois não podem ser classificados como verdadeiros, falsos reais ou fantasias, portanto não deve haver padrão para se seguir, quando se trata desse assunto.

No quarto e último capítulo, o da conclusão, ela expõe suas ideias sobre a política feminista e se essa poderia ter o mesmo efeito sem um “sujeito” que não se enquadre como mulher. Ou seja, quando alguém é mulher, é muito mais do que isto, não é uma estrutura esgotante, dessa forma fica claro que a cultura oprime as mulheres de maneira singular em relação ao patriarcado e a masculinidade.

Outro aspecto a ser citado de forma conclusiva e dentro do movimento feminista bastante frisado no livro é a identidade. Aprende-se após a leitura que ela deve ser vista de forma geral e não individual, na singularidade. É preciso a libertação da mulher, com a radicalidade expressada no estilo da autora.

3 APRECIÇÃO DA OBRA

Ao apreciar a obra é importante iniciar falando sobre a linguagem usada pela autora, considerada confusa para alguns, devido à sua forma requintada de se expressar, no geral é uma caligrafia bem acadêmica. Judith Butler é conhecida por suas teorias contemporâneas do feminismo. Neste livro não é diferente, ela busca consolidar um posicionamento no campo político, adequar sexo, gênero e desejo em um só campo, o chamado corpo queer, que ela vem buscando a aceitação.

A autora propõe questões de extremo grau de interesse e evidência, atualmente, com a temática do livro, ele deixa um pouco a desejar devido à

complexidade da profundidade adotada, sobretudo traz aspectos importantes a serem levados em consideração.

4 INDICAÇÃO DA OBRA

A obra deve ser endereçada a discursos sobre sexualidade humana, que incluam debates, disciplinas estudadas em psicologia, sociologia ou em cursos específicos com esse tema, pois deixa argumentos e teorias de grande valor e conhecimento.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**Autor Orientando:**

Juliana da Silva Dias

Av. Juscelino Kubitscheck de Oliveira, 1220 - Cidade Nova

34-992639829

julianadias8140@gmail.com

Autor Orientador:

Marcelo Matta de Castro

Av. Juscelino Kubitscheck de Oliveira, 1220 - Cidade Nova

3818-2300

marceloc.castro@faculdadepatosdeminas.edu.br

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 11 de novembro de 2019

Juliana da Silva Dias

Marcelo Matta de Castro



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Departamento de Graduação em Psicologia

Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC N°. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME N°. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, n°. 65, sessão 1, pág. 70-81

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)